

O BELO, A SEDUÇÃO E A PARTILHA

PT

Obras da Fundação Gaudium Magnum
Maria e João Cortez de Lobão

18 SET 2024
— 26 JAN 2025



Alessandro Magnasco
(Génova, 1667-1749)

*José, na prisão, interpreta os sonhos
do padeiro e do copeiro do faraó*

Óleo sobre tela
134 × 177 cm

Fundação Gaudium Magnum
– Maria e João Cortez de Lobão

Nascido em Génova em 1667, Alessandro Magnasco desenvolveu maioritariamente a sua atividade em Milão, para onde partira em 1672, com exceção de uma curta estadia em Florença, ao serviço de Fernando III de Medici, entre 1703 e 1709.

Trabalhando frequentemente em parceria com outros artistas, que com ele colaboravam nos fundos paisagísticos ou *capriccios* arquitetónicos, tornou-se especialmente célebre pelas figuras esguias e angulosas, esboçadas livremente em pinceladas empastadas, nervosas e de grande expressividade. Afastando-se da tradição clássica e da elegância tardo-barroca, aliava uma linguagem inovadora a motivos iconográficos pouco comuns, debruçando-se sobre o quotidiano de personagens à margem da sociedade, habitualmente excluídas da «grande pintura» do seu tempo. As suas cenas povoadas por falsos mendigos e charlatões, inspiradas na pintura de género dos *bamboccianti* (pintores flamengos radicados em Roma), nos anti-heróis das novelas picarescas ou na literatura de vagabundagem, são um dos seus motivos mais reconhecíveis. No entanto, estes retratos da mendicidade organizada revelam um olhar atento, e sobretudo crítico, de uma realidade concreta, que ultrapassava a dimensão satírica ou moralizante das suas fontes, e que por isso mesmo apelava a diferentes sensibilidades e audiências. A literatura nas bibliotecas de alguns dos seus encomendadores milaneses (como os Arese, os Borromeo ou o governador austríaco Gerolamo di Colloredo), demonstra como o pintor espelhava as preocupações intelectuais de uma clientela erudita e esclarecida, participando num debate em que se anunciava já o pensamento das Luzes. Assim, também as suas cenas da vida monástica de monges capuchinhos e trapistas, ou a meditação de eremitas em bosques sombrios, ecoam as ideias reformistas de um retorno ao despojamento e à oração, preconizadas por autores como Ludovico Antonio Muratori. Do mesmo modo, as representações de ritos em sinagogas ou de reuniões de *Quakers*, como os momentos de catequese em igrejas, podem por vezes aparentar um tom mordaz, mas dão conta de uma curiosidade e de um conhecimento «de facto», por parte dos encomendadores, da diversidade religiosa numa sociedade preocupada em fazer face à superstição popular. A estes motivos juntam-se ainda obras de denúncia explícita da tortura praticada pela Inquisição, da violência judiciária ou da brutalidade do trabalho forçado nas galés, em cenas expressivas e de um intenso dramatismo, que antecipam Goya ou

Gericault. Regressando à sua cidade natal após 1735, aí trabalha até aos seus últimos dias, mesmo que a clientela genovesa não se mostrasse tão receptiva ao seu repertório, vindo a morrer em 1749, aos 82 anos.

À primeira vista, esta pintura poderia parecer mais um desses exemplos de denúncia da crueldade prisional. Mas, numa arquitetura estranhamente desconcertante, lembrando as perspetivas impossíveis e os múltiplos pontos de vista dos *Cárcees* de Piranesi, o ambiente é sereno, quase melancólico, e apenas as correntes, grilhetas e instrumentos de tortura evocam a violência do cativo. Sentada numas escadas, uma personagem de turbante, em trajes nobres de um luminoso azul e branco, parece explicar algo aos seus andrajosos companheiros de cela, fixos nas suas palavras. Trata-se, na verdade, de um episódio da narrativa bíblica de José, filho de Jacob, vendido pelos irmãos aos egípcios, e depois encarcerado injustamente por uma falsa acusação. Graças à sua inteligência e ao dom da profecia – que usa na interpretação dos sonhos dos seus companheiros de cela, primeiro, e do próprio Faraó, já em liberdade – José ascende a governador do Egipto, onde vem a perdoar e a receber não só os irmãos, como todos os Judeus, reencontrando-se finalmente com o pai. Esta redentora «jornada do herói» (que é também uma prefiguração de jornada de Cristo) serviu de inspiração às mais variadas expressões artísticas, da pintura à literatura, mas também à música. Estreado em Viena em 1726, e representado em Milão pouco tempo depois, o oratório *Giuseffo chi interpreta i sogni*, de António Caldara, iniciava-se precisamente com a cena aqui representada, em que um José encarcerado cantava os infortúnios da privação da liberdade: «Libertá, cara e gradita...» («Liberdade, querida e bem-vinda»).

Se o mundo do palco não era estranho a Magnasco, que sempre trabalhou a dimensão cenográfica e retirou do teatro personagens e ambientes, aqui essa relação reveste-se de um carácter particular: a estranha arquitetura revela-se, afinal, como um cenário literal, seguindo a tradição das vistas *per angolo* criadas por arquitetos-cenógrafos como os Galli Bibiena, que o pintor decerto conhecia. Enquanto *memento* de uma récita específica ou obra livremente inspirada na cenografia que lhe deu origem, certo é que nos oferece (ainda) mais uma perspectiva do pintor, na relação com o ambiente cultural do seu tempo.

MARTA CARVALHO